

A história do Centro de Estudos Afro-Asiáticos

À luz de um contexto anticolonial e um ambiente de maior integração entre os países do chamado “Terceiro Mundo”, a partir da Conferência de Bandung, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) surge como uma das iniciativas mais ousadas e bem-sucedidas do campo político e acadêmico daquele período. Fundado em 1973 na Universidade Cândido Mendes (à época, um conjunto universitário), o CEAA nasceu como uma continuidade direta do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA), que havia sido criado no curto governo Jânio Quadros, junto à presidência da República. Cândido Mendes, então chefe da Assessoria Internacional da Presidência, foi um dos seus principais mentores e Eduardo Portela seu primeiro diretor. O IBEAA elaborou projetos para a Política Externa Independente, inaugurada por Quadros, no que se referia à política externa brasileira para os novos países independentes da África. Com a instauração do regime militar, em 1964, o IBEAA logo foi desativado.

Cândido Mendes retomou o projeto em 1973 e nomeou José Maria Nunes Pereira, seu assistente no curso de Sociologia Africana na PUC-Rio, como vice-diretor do CEAA. Do encontro repleto de afinidades entre estas duas figuras, o mecenas intelectual e cosmopolita e o africanista dedicado, militante e generalista, surgiu, no auge da ditadura militar, aquele que se tornaria um dos mais importantes espaços de produção e circulação de ideias sobre África e diáspora do país, ao longo de seus 43 anos de existência. Sua longevidade é resultado das diferentes frentes assumidas ao longo do tempo, de modo que o CEAA soube se reinventar e se aperfeiçoar nos diversos contextos econômicos, políticos e intelectuais que atravessou.

Podemos resumir a história do CEAA, tomando como base as três “fases” que caracterizam a produção e a atuação do Centro, destacando seus pioneirismos em cada caso.

Em um primeiro momento suas atividades são muito marcadas pelo interesse na produção e divulgação de pesquisas sobre o continente africano e asiático no Brasil. Orientada a partir da gestão de José Maria Nunes Pereira, essa fase “africanista” é fortemente marcada pela relação estreita com militantes dos movimentos negros da década de 1970 e a construção de uma extensa biblioteca com livros, revistas e *clippings* de jornais que não existiam no país. Era o início de uma biblioteca que abrigou um dos mais completos

acervos sobre temas africanos e afro-brasileiros existentes nas Américas: mais de 10.000 livros, além de coleções completas de periódicos - muitos raros -, e cerca de 400 teses de mestrado e doutorado, ainda hoje em arquivo. Um vasto conjunto de documentos e recortes de jornais registra a vida e a história da comunidade negra, desde a década de 70.

Entre 1973 e 1985, o CEAA foi um dos principais vetores para a circulação de ideias sobre a diáspora e o *apartheid*, e para a cooperação internacional no que hoje conhecemos por Sul Global. Da mesma forma, a riqueza e a raridade das obras e dos clippings reunidos na biblioteca fazia com que militantes e jovens universitários negros do Rio de Janeiro frequentassem o espaço para realizarem suas pesquisas. Em 1978, é lançado o primeiro número da Revista de Estudos Afro-Asiáticos, periódico projetado como um espaço de intercâmbio intelectual dentro e fora do país. Nos anos seguintes, a revista se consolidou como a mais importante publicação nacional em estudos africanos e, mais tarde, também étnico-raciais, destacando-se como um dos principais veículos editoriais das ciências sociais no Brasil. Ao editar seu último número, em 2012, somava 34 anos ininterruptos de publicação.

A partir de 1986, é visível a inflexão nas atividades e orientações do Centro. A predominância gradual dos chamados “estudos afro-brasileiros”, com ênfase na Sociologia das Relações Étnico-Raciais, passou a ganhar corpo com a entrada de Carlos Hasenbalg na Vice-Direção do CEAA. Nesse processo, há uma forte marca dos financiamentos públicos e privados e o direcionamento dessa verba para atividades de pesquisa que buscavam identificar as configurações das relações raciais no Brasil e as manifestações do racismo brasileiro.

Compreendido entre 1986 e 1996, o período é marcado por um forte investimento na formação teórico-metodológica e no treinamento rigoroso de estudantes que frequentavam o *Afro*. Diversas iniciativas, como os Concursos de Dotações para a Pesquisa sobre o Negro no Brasil, ajudaram a construir uma agenda de pesquisa sobre a desigualdade racial, e a formar quadros de pesquisadores negros no país. Além disso, em 1991 foi realizado o “Projeto Moçambique”, o qual auxiliou mais de mil estudantes brasileiros e moçambicanos a realizarem suas formações nos dois países, estabelecendo uma cooperação entre Moçambique, o CEAA e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

Por sua vez, o Projeto de Administração de Bolsistas, implementado em 1990, contemplou mais de quinhentos participantes, através de amplo apoio a estudantes africanos em solo nacional. Ao CEAA, cabia recepcionar os alunos africanos, direcioná-los para universidades de todo o Brasil, gerenciar bolsas de estudo, seguro de saúde e alojamentos, o que lhes garantia um acompanhamento personalizado e maior segurança para completarem sua formação acadêmica no país.

Em uma terceira fase, localizada entre 1996 e 2016, encontramos maior equilíbrio entre os estudos “africanos” e “afro-brasileiros”. A presença crescente do campo das Relações Internacionais na produção do Centro reflete a construção da cooperação Sul-Sul e o protagonismo do Brasil neste processo. Orientado especialmente a partir das gestões de Livio Sansone e Beluce Bellucci, é um período que demonstrou resiliência e inovação, com iniciativas de sucesso. A Sansone, coube a concepção do projeto “Fábrica de Ideias”, curso avançado em estudos étnico-raciais, voltado para o intercâmbio entre professores nacionais e estrangeiros e alunos de pós-graduação, com o objetivo de estabelecer redes de pesquisa entre as diferentes regiões do país e estimular análises comparativas. Por sua vez, Bellucci foi o maior responsável pela criação do primeiro curso de especialização em História da África do país, oferecido anualmente desde 1996. Uma iniciativa que capacitou centenas de militantes, bacharéis e professores a ministrarem cursos introdutórios de História da África, em nível superior, e a introduzirem conteúdos de história e cultura afro-brasileiras no currículo do Ensino Médio, antecipando e ajudando a viabilizar a lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Diante da crise financeira da UCAM, o CEAA teve seus quadros e atividades reduzidos, a partir de 2010, até seu encerramento definitivo, em 2016. Apesar do fim, a proposta inicial de promover um Centro de caráter político e intelectual que abrangesse a realidade dos países do Sul, de forma não etnocêntrica, em tripla chave acadêmica, diplomática e diaspórica, havia atingido suas expectativas. Suas diversas contribuições são amplamente reconhecidas ainda hoje, nacional e internacionalmente, reforçando a necessidade de preservação do seu legado e de sua memória.

Referências

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. “Raça e os estudos de relações raciais no Brasil”. *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 54, 1999, p. 147-156.

PEREIRA, José Maria Nunes. **Os estudos africanos no Brasil e as relações com a África – Um estudo de caso: o CEAA (1973-1986)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1991.

Julho de 2023

Alexandre de Paiva Rio Camargo

Camila Gonçalves De Mario

Gabriel Delphino

Marianne da Silva Rocha

Thiago Campos da Silva